VIAGENS NA MINHA TERRA. OLHARES ESTÉTICOS SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA SELVA

RENATA ARAUJO*

Nas duas últimas décadas do século XVIII várias foram as viagens que se fizeram no interior da Amazónia portuguesa. No âmbito das preparações das demarcações, os governadores e os engenheiros atravessaram os rios e a selva; Alexandre Rodrigues Ferreira realizou a sua viagem filosófica, acompanhado pelos seus desenhadores; o bispo Dom Frei Caetano Brandão fez as suas visitas pastorais e os ouvidores fizeram as suas correições. Em qualquer dos casos, o espaço que era percorrido era entendido como parte integrante do reino, uma parte contudo, que do reino se distanciava em vários aspectos. A intenção desta comunicação é discutir a ambiguidade do olhar que se projeta para estes espaços que eram do reino, sendo diferentes dele.

O foco principal da análise são as transformações que se operaram na região depois da elevação a vilas dos antigos aldeamentos missionários. Como eram vistas estas novas vilas? O que delas se dizia e o que nelas se via? O que para elas se projetava e esperava? A escolha recai sobre as vilas na medida em que elas próprias se configuram como espaços de fronteira, como espaços híbridos, onde conviviam as populações nativas e os agentes da colonização. Importa por isso questionar como se opera neste contexto a relação entre identidade e alteridade no reconhecimento estético

* Universidade do Algarve; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa.
E-mail: renataaraujo6@gmail.com.

daquela paisagem ou dos objetos culturais que ali foram produzidos ou consumidos e como este processo foi transportado e transformado e por quem nelas viajava e vivia.

Sendo óbvio o empréstimo que faço no título a Garrett, desculpo-me com a legitimidade de que as viagens de que aqui falarei fizeram-se, de facto, na minha terra. Talvez também deva dizer que a terra aqui em causa foi e é vivenciada sobretudo pela água, pelos rios que a percorrem e a definem. Ou melhor, os rios e a selva, os dois marcos que enquadram a paisagem amazónica. Ambos estão presentes nas narrativas de todos os viajantes. Ambos encantam e assustam ao mesmo tempo. Comecemos pelo encantamento:

> No dia 12 entramos no rio Paoarú um dos mais belos por não ser muito largo e dar lugar a gozar-se de perto da vista dos seus frondosos arvoredos, quase até passar por debaixo dos ramos das árvores: todos os sentidos aqui acham encantos que os transportam, um cheiro aromático perfuma o ar; lindas aves se vem saltar de uns ramos para outros cantando suavemente; veem-se a cada passo sobressair por entre as verdes folhas ramalhetes de flores: aqui cavas profundas formadas pela corrente das águas; lá raízes descarnadas descendo das ribanceiras até o leito do rio: variedade de arbustos viçosos, e odoríferos, uma relva muito verde, que no país chamam capim, em algumas partes louras areias, ou terra de diversas cores, pequenas ribeiras, chamadas igarapés, que lá do centro dos matos vem desaguar em o rio; tudo forma a mais agradável perspetiva (Amaral 1818, 173).

Quem assim fala é Dom Frei Caetano Brandão, bispo do Pará entre 1783 e 1790. Este é um trecho da sua primeira visita pastoral. Todo o relato do bispo está marcado por esta visão que se pode dizer paradisíaca, que o próprio aliás literalmente confessa:

> Confesso que muitas vezes alargando os olhos por aquelas situações tão aprazíveis, bem desejei a pureza, e inocência

> das almas justas, para poder, à sua imitação, subir por estes degraus às maiores alturas do céu e contemplar a amenidade daqueles jardins formados pela mão do criador para eterno recreio dos escolhidos. Ah! Que se a terra, lugar de desterro, e cativeiro, assim está semeada de tantas belezas, que será o céu! (Amaral 1818, 180).

Contudo, nesta terra que lhe parecia já imagem antecipada do céu, vê consternado a dificuldade que havia em passar a palavra de Deus. Em Santa Ana do Cajari, relata que foi recebido pelos índios que, em tom muito devoto, cantaram a saudação angélica, o que lhe «enterneceu a alma». Descreve a povoação dizendo ser lugar pequeno que «só tem a vista do rio, para o qual olha não muito alterosamente; o mais que a cinge, é tudo mato». (...) A igreja «é pequena e muito pobre, mas acha-se caiada e limpa, com uma imagem de Santa Ana mui perfeita». Mas o que mais o impressiona é que:

> Nesta povoação encontrei uma índia de cem anos, e mais de idade, da criação do lugar, que jazia em uma profunda, e total ignorância não só da doutrina, mas de todos os conhecimentos relativos à religião, e era batizada: mandei examinar por alguns inteligentes da língua se sabia as pessoas da Santíssima Trindade? Nada: Quantos deuses havia? Nada: Fiz-lhe eu mesmo alguns sinais, erguendo os olhos, e as mãos ao céu: ria-se: informei-me com as pessoas da casa (estava com um neto casado) responderam-me que era ladina (assim chamam aos mais espertos) porém que nunca lhe tinham enxergado vestígios de religião. Isto causa espanto, (...) Se no seio de uma povoação, e de uma família cristã educada ao bafo de ministros eclesiásticos, e rodeada de superiores luzes se acha um espírito tão cego, que será no fundo dos matos, onde faltam todos estes subsídios? A experiência de muitos que de lá descem, dá forças à dúvida: ouço contar, que alguns não diferem dos troncos e dos rochedos, pelo

> que respeita ao conhecimento da Divindade. No livro de óbitos vi que havia algum tempo, que tinha morrido uma índia de duzentos anos de idade (Amaral 1818, 188).

Essa referência a índias com mais de cem anos (e até duzentos, como aqui se vê) é recorrente no relato do bispo, em várias povoações ele as encontra. Admitindo que não se pode ler isso como ingenuidade, penso que é significativo que ele insista nesta imagem de uma ancianidade quase ancestral. Estas índias velhas, que parecem mais velhas do que são e que ele as quer ver como tais, são para o bispo a representação da própria contumácia. Digo que ele as quer ver assim tão velhas por que deste modo pode tentar isolar esta contumácia admitindo que ela tem raízes no passado daqueles povos mas que as novas gerações podem ser conduzidas a uma outra visão. E no entanto, mesmo sobre esta hipótese, que tanto deseja, não pode deixar de ter dúvidas.

Em todo o relato do bispo o que me parece mais significativo é precisamente o contraste que ele veicula, entre as povoações e vilas fundadas na Amazónia e tudo o que as circundava, como se estas fossem meras ilhas e mesmo assim pouco seguras, inclusive de Deus. Como diz o bispo «o mais que a cinge é tudo mato». O mato que permanecia, em parte, nos próprios índios, que podiam ser como os troncos e rochedos impenetráveis da selva. É esse olhar, que oscila entre a profunda alteridade e a necessária identificação, que me interessa discutir.

Num panfleto publicado em Lisboa em 1754 intitulado *Relação e notícia da gente que nesta segunda monção chegou ao sítio do Grão Pará e as terras de Mato Grosso* o autor investe numa comparação que toma por exemplo nada menos que Lisboa. Diz que:

> (...) cuidamos todos em outro tempo, que o sítio do Pará era Lisboa; tão fáceis são os homens nas suas considerações, mas ainda que a terra pela vizinhança do sol é livre de todas aquelas calamidades que se experimentam em Portugal pelos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, com tudo não participa da delicia

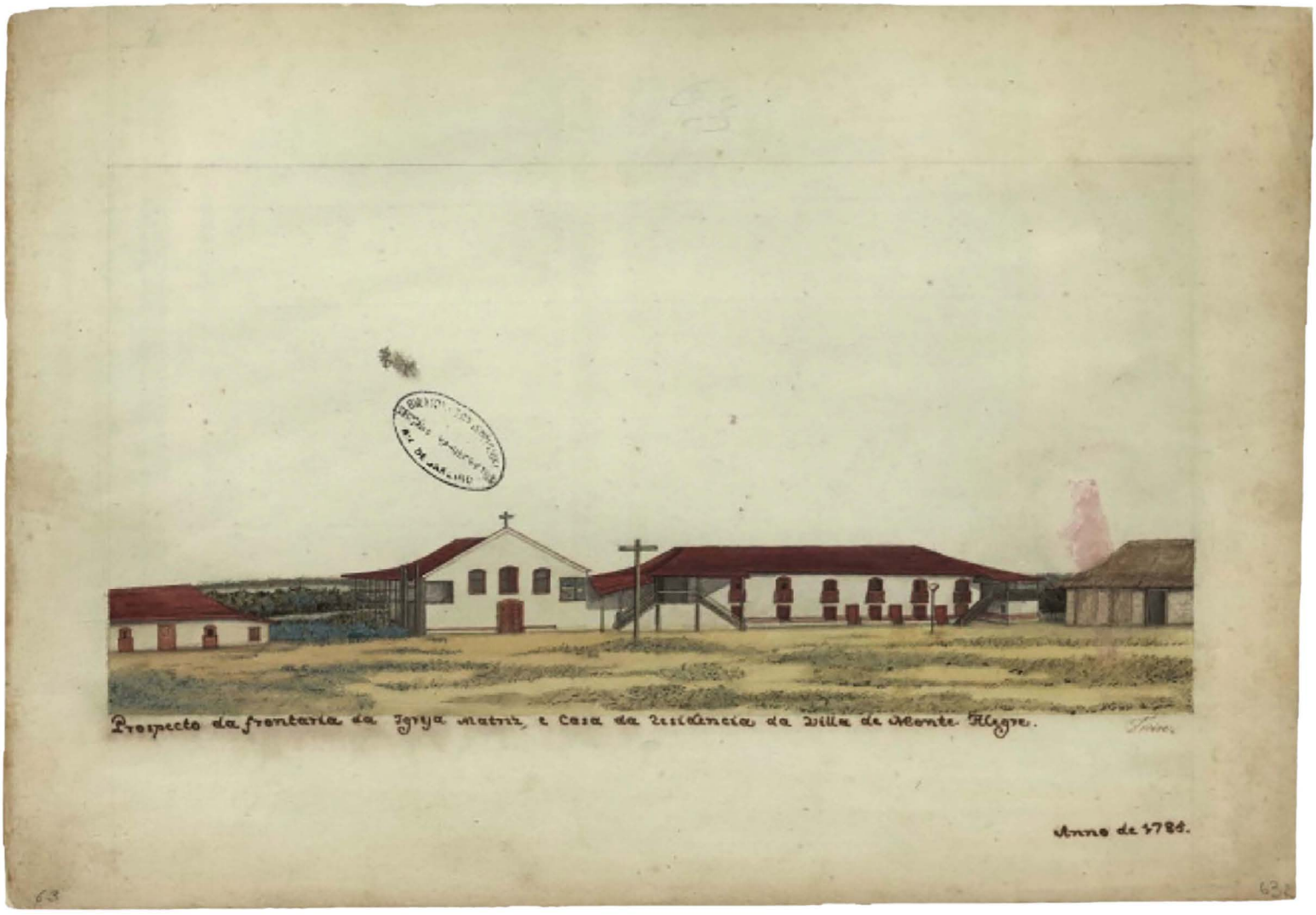
> com a diferença que vai do agreste para o mimoso, do solitário para o povoado, porque desembarcados os doentes por falta de cómodo, ficaram muitos ao rigor do tempo, mas este os não ofende, que a ser o clima do reino, nenhum escaparia pelo desabrigado; e ainda que alguns morreram já em terra, com tudo depois que entraram a gozar os ares dela experimentaram a saúde, que naqueles países costuma haver (...) só o que no reino superabunda nestes sítios falta, é o cómodo, causa a pouca frequência que há de gente, assim como em outras partes, que é de crer que se Portugal fora tão deserto não haveria no mundo terra mais agreste (Silva 1754).

É interessante esse relato posto que, aparentemente, sendo o clima e a natureza bons, a única verdadeira falta era de gente. E contudo havia gente. Mas para os que chegaram na monção, o contraste era evidente. Embora a cidade do Pará pudesse lembrar Lisboa, nela se mantinha a diferença que ia do agreste ao mimoso, do solitário ao povoado. No entanto, na leitura profundamente otimista do autor da notícia, essa diferença convertia-se em mero tempo.

> Por agora é toda esta terra sumamente agreste, mas espera-se em Deus, que conduzida que seja do reino mais gente, se façam povoações, e com elas, e com o trato, e comunicação, brevemente chegarão a outro estado (Silva 1754).

Essa expectativa está, de certo modo, presente em todo o projeto colonial, que vislumbrava no urbano o seu espelho civilizacional. Das vilas e povoações esperava-se que operassem a transformação, a metamorfose, do agreste em mimoso. Tal não é diferente no quadro das novas vilas criadas na Amazónia pela reconversão dos antigos aldeamentos missionários (Araujo 2102).

Podemos, neste sentido, voltar a Frei Caetano Brandão, cujo olhar é perpassado por aquela ambígua empatia de que falávamos. Em Monte



José Joaquim Freire, 1785. *Prospecto da frontaria da Igreja Matriz e casa da residência da Vila de Monte Alegre.* Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Alegre, o bispo e toda a sua comitiva tinham chegado adoentados. A recepção calorosa e acolhedora que tiveram fica expressa no relato que é profundamente elogioso não só à vila como aos hábitos cristãos dos seus habitantes «mil e tantas almas, tudo índios, mostrando tal religião e cristandade, que eu me consolara muito se visse desta forma as povoações dos brancos e ainda a mesma capital do Estado» (Amaral 1818, 204-205). Ali também havia velhos e velhas com cem anos, todos com boa disposição. Uma delas não tinha vigor para se suster em pé mas lhe falou deitada na sua rede.

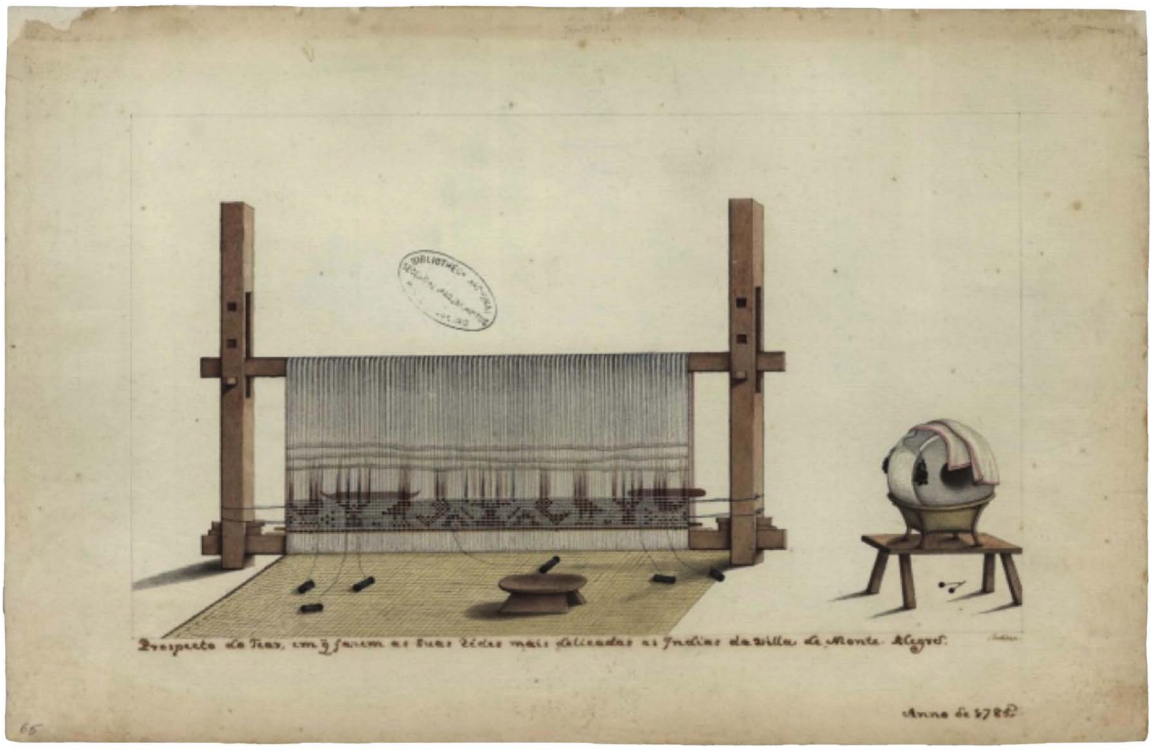
Os elogios estendem-se à igreja e, sobretudo, à vista que é apresentada partir dos padrões europeus.

> A Igreja é um bom edifício com assaz espaço, três altares asseados, muita luz, ornato suficiente, em fim tem a limpeza e decência que convém aos objetos sagrados, (...) Toda ela está cercada de uma varanda muito desabafada e vistosa. Acha-se a Vila de Monte Alegre situada sobre um alto monte, donde se descortina por todas as partes variedade de objetos sumamente aprazíveis: porém nada recreia tanto como o espaçoso e dilatado campo que se vê correr ao longo do rio Amazonas, retalhado por diferentes lagos, e arvoredos, formando a perspectiva de uma enfiada de quintas dispostas na mais bela ordem (Amaral 1818, 204-205).

A conclusão do bispo sobre a vila é enfática.

> Em uma palavra esta povoação distingue-se de todas, e lhe convém o título, que vulgarmente se lhe aplica — corte no sertão — título bem merecido não só pelo que fica dito, mas pelo asseio, e civilidade da maior parte dos moradores, no vestido, no trato e na limpeza das casas. São laboriosos assim homens como mulheres, aqueles no negócio da salsa e cravo, nas roças para maniva, de que há abundância, e já principiam a plantar cacoais; estas em costura, fiar algodão, fazer redes, pintar cuias, o que executam com tal graça e delicadeza, como se não vê em outra alguma parte do Estado (Amaral 1818, 204-205).

Os panos e redes de dormir e sobretudo as cuias são também referidos como belos objetos por vários outros viajantes (São José 1868; São José 1869; Daniel, 2004). Eram das manufaturas mais apreciadas pelos europeus. O padre Anselmo Eckart, jesuíta que viveu no aldeamento de Trocano no rio Madeira, que foi o primeiro a ser elevado a vila com o nome de Borba-a-Nova, relata que um juiz de fora que por ali passava a caminho



José Joaquim Freire, 1785. *Prospecto das casas das índias Monte Alegre onde fazem as cuyas. Prospecto do tear em que fazem as suas redes mais delicadas as índias da Vila de Monte Alegre*. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

das minas do Mato Grosso mostrara-lhe uma rede de dormir «lindamente trançada de juncos de diversas cores e figuras. Era o presente que o governador Mendonça oferecera ao juiz quando este se apresentara em Mariuá» (*apud.* Porro 2011, 580). Refere igualmente a outra rede «grande, forte e cor púrpura», que lhe tinha sido presenteada pelo padre da missão Aricará por ocasião da sua partida.

> Ela não é perfurada como as de uso comum dos índios, mas tecida de modo denso tal como um tapete resistente e nenhum inseto, nem mesmo o mosquito que infesta a maioria dos lugares desta América meridional, pode picar através dela. Esta peça de algodão densamente tecido é chamada tapurana, e da mesma maneira as mulheres índias fazem esteiras para se acomodar nas embarcações e as cobertas para os catres (*apud.* Porro 2011, 580-581).

Sobre as cuias de Monte Alegre a opinião do padre Eckart é também bastante elogiosa, quanto à paisagem é mais irónica a sua leitura.

> Outros tornam este recipiente ainda mais bonitos: pintam neles muitas figuras de árvores, de pássaros e de outros animais. Os mais belos e com diferentes cores eram feitos na residência de Gurupatuba [depois Monte Alegre], que estava sob a supervisão dos padres capuchinhos. Esta residência ficava tão afastada da margem, em que havia povoações contínuas, que alguns diziam, a título de gracejo, que era necessário tomar água antes, no riacho ao longo do caminho, para não morrer de sede até chegar lá. (...) As mencionadas baixelas para beber e comer, as cuias, são valorizadas, como eu vi, com prata e ouro incrustados, ao lado de belas figuras (*apud.* Porro 2011, 588).

Alexandre Rodrigues Ferreira fez uma memória específica acerca dessas cuias onde também diz que elas eram «os pratos, os copos e toda a

baixela dos índios». Reafirma a importância que tinham no seio da própria cultura indígena dizendo que quando quis adquirir uma que era destinada ao principal da aldeia, não a conseguiu «tanto é o apreço que fazem da taça por onde bebe o seu principal». Diz ainda que «o branco, a que elas oferecem água na tal cuia pode lisonjear-se do respeito e atenção que lhes merece. A maior grosseria e desatenção neste caso, seria a de rejeitar» (Ferreira 1933, 62).

Cuias pintadas pertencentes à Coleção Etnográfica de Alexandre Rodrigues Ferreira. Provavelmente, provenientes de Monte Alegre no Pará. Academia de Ciências de Lisboa.
Fonte: Ferreira 2005.

Quanto à produção, diz que se faziam na vila de Monte Alegre entre 5000 a 6000 cuias por ano e que algumas casas chegavam a fazer quinhentas. É clara a referência à integração do gosto europeu, assim como à própria procura.

> [à] imitação das índias, também trabalham nas cuias algumas mazombas, trabalham já ensinadas pelos europeus no tocante às cores, ao gosto e à riqueza da pintura, ora dourada, ora prateada. Mas há cuia destas de encomenda, que importa a seu dono 12$800 réis, como ao tenente-coronel Teodósio Constantino

> de Chermont importou uma que enviou para Lisboa. Ela não tinha diferença de mais belo e rico Xarão. Na vila de Monte Alegre, as mamelucas filhas de morador Manoel Ribeiro Pinto estavam fazendo um aparelho de chá feito de cuias que lhe havia encomendado Dionísio Gonçalves Lisboa administrador do contrato do Pesqueiro Real na Vila de Santarém (Ferreira 1933, 62).

Importa ter em conta, como indica Tekla Hartmann (1988, 291-302), que as cuias pintadas faziam parte da produção indígena muito antes do contacto com os europeus e já eram referidas nos escritos de Frei Gaspar de Carvajal (1543) como produto de comércio intertribal.

> Es cosa mucho de ver las pinturas que todos los indios deste río hacen en las vasijas que tienen para su servicio, así de barro como de palo, y en los calabazos con que beben, así de estremados e lindos follages e figuras bien compasadas... (Carvajal *apud.* Hartmann 1988, 297).

Nos exemplares da coleção de Alexandre Rodrigues Ferreira, ainda segundo Hartmann, é visível que «Exceto alguns exemplares em que se poderiam imaginar reminiscências (ou imitações) de um estilo geométrico do tipo Santarém ou Marajó pré-cabralinos, os demais ostentam uma pintura de inspiração barroca» (Hartmann 1988, 293). O que não implica que toda a produção assim fosse, mas era provavelmente essa a que era mais requisitada pelos europeus.

O relato do Bispo João de São José confirma que «em Portugal se estimam principalmente em conventos onde há senhoras do Brasil, e também as fidalgas que ocupam o tempo em fazer meia, costumam trazer nas cuias o fio, servindo de fundo a sacos pequenos de seda». De tal modo que o próprio bispo encomendou «uma porção de quarenta cuias para fazer presente delas a quem as estima e mandou pedir de Portugal» (São José 1869 *apud.* Hartmann 1988, 295).

A essas referências se poderiam juntar outras, relativas às louças de barro, aos cachimbos, assim como às redes produzidas nas povoações, para as quais Alexandre Rodrigues Ferreira chama a atenção, reivindicando que fossem melhor valorizadas e comercializadas.

> Isto é o que tenho observado, que as povoações [p]raticam em si certa indústria a que mais se afeiçoam. Em Monte Alegre as cuias, em Santarém os pacarás, tabuleiros e chapéus de palha, em Óbidos as redes, em Faro a olaria, em Serpa o fio de algodão. Esta indústria, longe de entrar no monopólio dos diretores, deveria ser compensada até com pagas de caprichos, institui[n]do-se as feiras ou nas povoações ou cidades, pelas vezes precisas no ano, como no Rio de Janeiro fez o marquês de Lavradio (Ferreira 1933, 62).

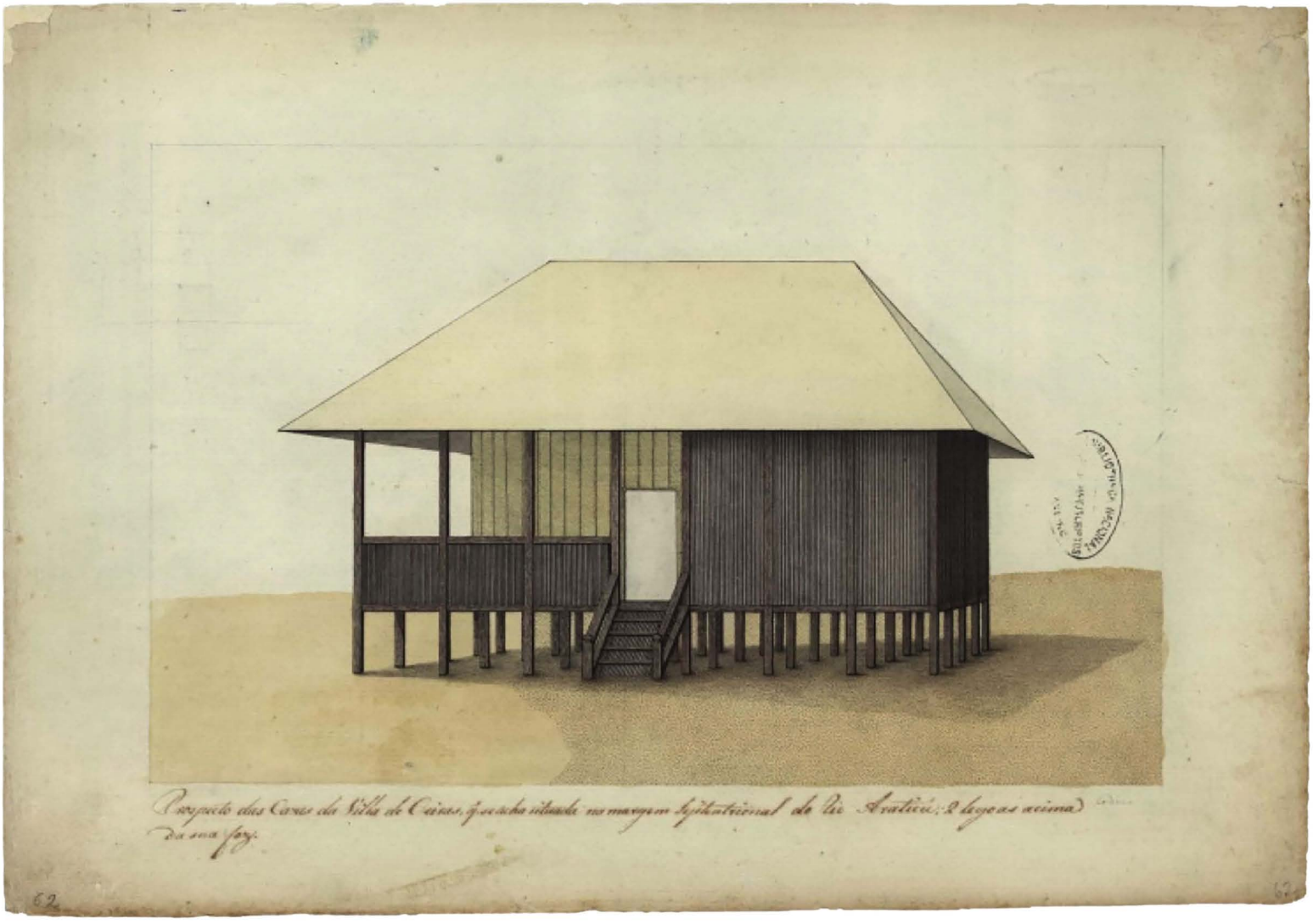
Embora estas peças possam representar um relativo afastamento das matrizes formais das próprias tribos, no que diz respeito às técnicas e processos de execução são claramente os modos de fazer indígenas que imperam. No caso das cuias, Alexandre Rodrigues Ferreira fornece informação pormenorizada acerca das tintas, dos instrumentos e dos métodos utilizados pelas índias (que incluem o uso da amónia da urina) que não dependem em nada das inovações trazidas pelo colonizador.

De certo modo também se pode fazer uma similar analogia no que diz respeito às habitações. Na relato já antes citado, a explicação do uso dos materiais é clara e, sem contradição, o exemplo de Lisboa é novamente invocado.

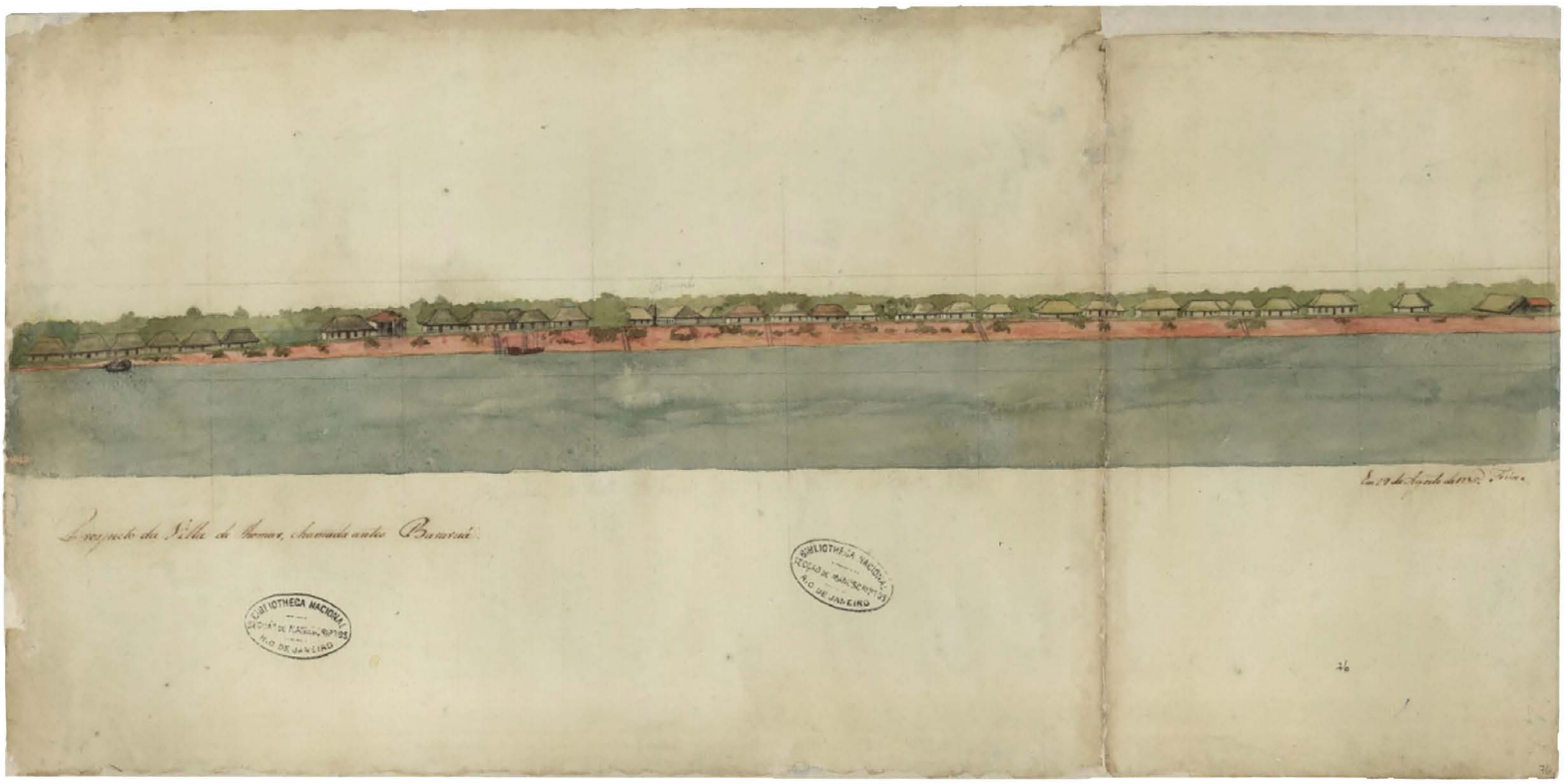
> (...) o mesmo mato e a mesma rede de cordas com que a Natureza foi prendendo as árvores umas às outras (...) delas nos temos servido nas casas e choupanas que para a nossa habitação fazemos, elegendo sítio aonde estejam árvores grossas, das quais fazemos umas como colunas, e por entre elas metidos paus, as vamos enredando de cipó verde o qual com folha se faz uma capa tão densa, como qualquer das casas de Lisboa, por cima e

> por baixo se atravessam da mesma forma enredados em razão de ficar o pavimento levantado do chão por causa da humidade da terra (...): nos paus das árvores se pregão redes, e nelas fazemos as camas em quanto o tempo não nos dá lugar para preparar habitações mais cómodas (Silva 1754).

Essa evidência de adaptação é visível nas imagens das casas, como as de Oeiras, nas vistas das povoações e nas próprias descrições que delas são feitas pelos viajantes.



José Joaquim Freire, 1785. ***Prospecto das casas da vila de Oeiras que se acha situada na margem setentrional do rio Araticu 2 léguas acima da sua foz.*** **Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.**



José Joaquim Freire, 1785. *Prospecto da Villa de Thomar, chamada antes Bararuá. Em 29 de Agosto de 1785*. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Da vila de Tomar, no rio Negro, temos duas imagens, uma feita por José Joaquim Freire, no âmbito da Viagem Filosófica e outra feita por João André Schwebel quando era a missão carmelita Baraorá. Igual circunstância para o lugar de Lamalonga, também anteriormente o aldeamento carmelita Dari. Em qualquer dos casos é visível que mesmo quando eventualmente se mudaram os materiais das paredes (nas quais se utilizou também o adobe) a maioria das coberturas manteve-se por largo tempo de palha, com algumas excepções.

Da Tomar e Lamalonga disse o ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio:

> Forma-se esta vila [de Tomar] sobre uma extensa, e alegre planície. Pelo nascente é a terra baixa, e aqui principia a vila que vai correndo pela margem meridional do rio e pouco a pouco se

> vai elevando a terra em altas barreiras. Uma das suas ruas mais próximas ao rio tem padecido grande ruína por causa do combate das águas no concavo de uma enseada. (...) Compõe-se dos índios das nações Manaó, Baré, Uayuana e Passé. Habitam também nela muitos moradores brancos aplicados a lucrosas culturas de café e cacau (Sampaio 1985, 113).
>
> Em todo o Rio Negro não há situação mais própria para a formatura de uma grande povoação como a de Lamalonga; porque a planície se estende muito por todos os lados, a elevação ao rio sem altura incomoda, e o terreno arenoso, qualidades que faltam em mais povoações (Sampaio 1985, 114).

As descrições feitas por Alexandre Rodrigues Ferreira são bastante mais detalhadas. De Tomar diz que:

> A vila, dentro de si, está dividida em dois bairros ao longo da povoação, o de Santa Apolónia principia na Vargem, e acaba no lugar em que está sita a matriz; segue-se o outro, a que não ouvi dar nome; continua da igreja para cima, tem a sua praça de pelourinho e acaba no lugar em que está casa da olaria. Há em cada bairro duas ruas somente, a da frente e a do fundo; ambas pertencem aos índios, mas nas suas travessas e particularmente na que sai a praça do pelourinho estão situadas as casas dos moradores brancos, a excepção de um ou de outro (Ferreira 1983, 71-72).

Sobre as casas descreve a sua distribuição.

> A residência do reverendo vigário consta de uma casa de espera, uma sala com seu camarim e outra casa de dispensa, é térrea e coberta de palha, com seu forro de ripas de jussara; as

> portas e janelas são pintadas de ochra e de tabatinga, mas não tem fechaduras (...)
>
> A da residência do diretor é grande, bem repartida, e conservada, também é térrea e coberta de palha; mas tem com fechaduras na portas; tem uma casa de fora, a que corresponde cada lado a sua sala com camarim, uma delas serve de armazém e para este uso tem a segurança que basta. (...)
>
> Nem há casa de câmara, nem tão pouco de cadeia, serve de cadeia a do calabouço da povoação, o pelourinho que existe, apenas mostra, que algum dia o foi (...) (Ferreira 1983, 72-73).

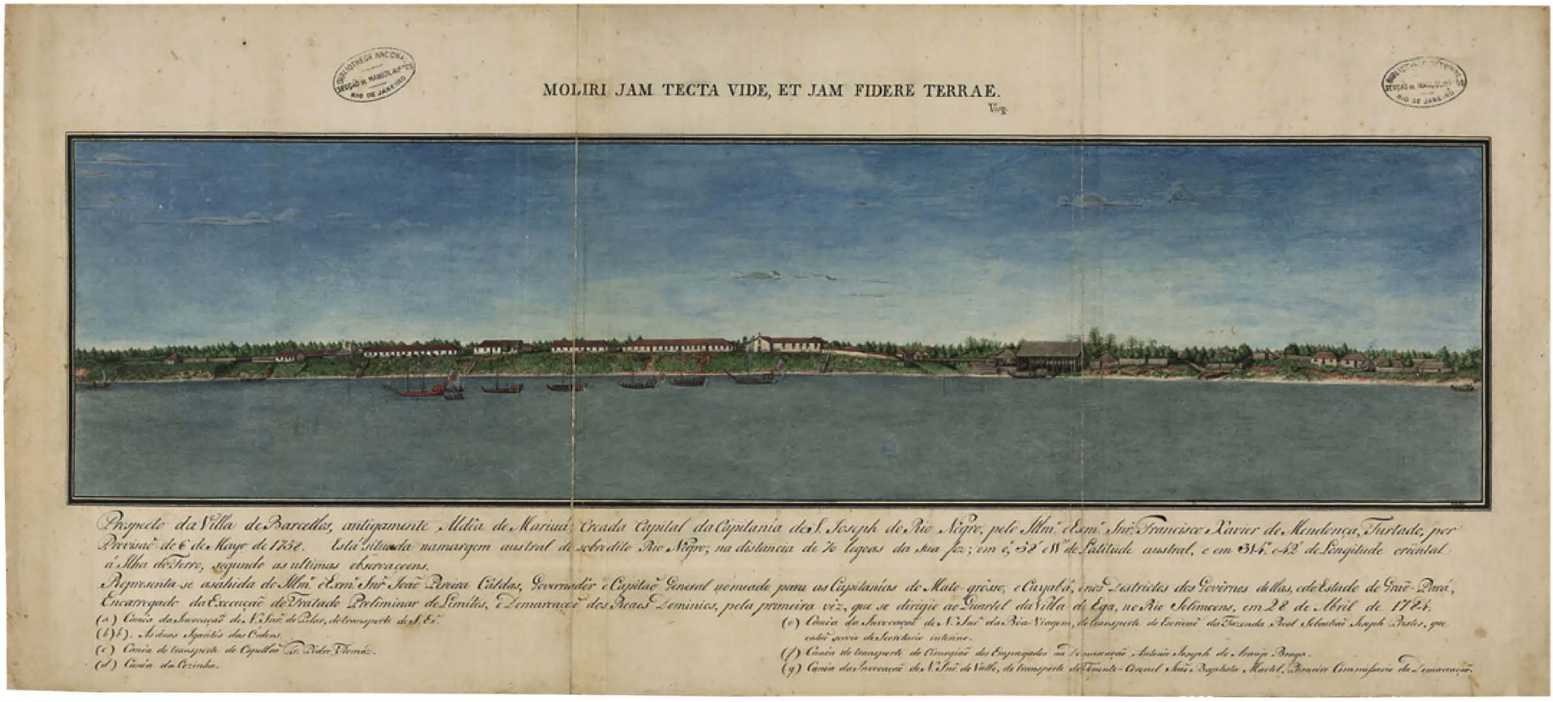
De Lamalonga, retoma as palavras elogiosas do Ouvidor Ribeiro de Sampaio que «tanto se enamorou da situação do lugar», para dizer que «com efeito a terra é fértil quanto se pode desejar», sendo mistura de areias e argila e, em especial «terra humosa, que é essa terra preta, por outro nome, terra de jardins». As considerações mais significativas são para a igreja e a casa do vigário de que fornece uma interessante informação:

> Quasi no meio da rua da frente está situada a matriz entre as residências do reverendo vigário e do diretor. Algum tanto mais pequena é do que a de Tomar, porém mais bem conservada. Não é coberta de telha, porque suposto que as paredes estão rebocadas por dentro e por fora, alguns esteios contudo já se acham arruinados a superfície da terra; por esta razão não podem sustentar o peso da telha.
>
> (...) Está pintada por dentro em forma de azulejo, sem tinta alguma de mais custo do que a do Curi e tauá, o anil e a tabatinga.
>
> Não tem mais que o altar-mor, o seu retábulo também é de muriti pintado; nele vi colocada a imagem de São José, que é o orago, ao lado dos arcos da capela-mor, em vez de altares laterais, estão pintadas duas tarjas, de cada lado a sua, cada uma delas tinha seu painel (...)

> A casa da residência do reverendo vigário consta de uma sala grande com dois camarins e uma dispensa; a sala também é pintada pelo mesmo gosto que a igreja (Ferreira 1983, 90-92).

Essa referência a pintura de painéis feita com tintas e materiais locais também aparece em outros relatos (Martins 2009). A imitação do azulejo não será tão comum. Contudo, como estas, poder-se-iam certamente aduzir outras indicações de trabalhos feitos nas várias vilas e povoações. Embora esta seja uma recolha que ainda não foi completamente feita é importante ter em conta que esse levantamento há de evidenciar, necessariamente, uma contaminação entre os universos estéticos dos agentes, tal como no caso das cuias.

Quanto às próprias novas vilas, onde esta cultura híbrida se forma, o que me parece importante ressaltar é que apesar estarem literalmente cingidas pelo mato e de serem e parecerem incipientes e incompletas, o olhar que se projeta para elas é o de um processo em curso. Tudo é lido como mudança, como construção. É interessante ver neste sentido a legenda



José Joaquim Freire, 1784. *Prospecto da Villa de Barcelos...* Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Frontispício Alegórico da Viagem Filosófica. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

que José Joaquim Freire elege para o titulo da vista que fez de Barcelos *"molire jam tecta videt, jam sidere terrae"* (na terra a edificar seguros dela, na tradução de Odorico Mendes). Trata-se de uma citação da Eneida de Virgílio (livro VII verso 290) que com estas palavras descreve o final das longas viagens de Eneias e a sua chegada ao Lácio, onde o troiano e os seus homens começariam a erguer em terra as edificações que fariam o império romano (Ojeda 2011). Será pouco modesto, e eventualmente ingénuo, mas é certamente claro nos seus propósitos.

Também é claro que este império que ali se fazia incorporava, não exatamente como despojos, mas como dados da integração, os artefactos ali produzidos, como evidencia o frontispício alegórico da Viagem Filosófica onde entre os objetos dispostos aparecem com destaque as cuias de Monte Alegre.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, António Caetano do. 1818. *Memórias para a história da vida do venerável arcebispo de Braga, D. Frei Caetano Brandão.* Volume 1. Lisboa: Impressão Régia.

ARAUJO, Renata Malcher de. 2012. «A Urbanização da Amazónia e do Mato Grosso no século XVIII: "Povoações civis, decorosas e úteis para o bem comum da coroa e dos povos".» *Anais do Museu Paulista* 20 (1): 41-76.

DANIEL S. J, Padre João. 2004. *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*. Belém: Prefeitura Municipal, Rio de Janeiro: Contraponto.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. 1933. «Memória sobre as cuyas que fazem as índias de Monte Alegre e Santarém (1786).» *Revista Nacional de Educação* 06: 62.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. 1983. *Viagem Filosófica ao Rio Negro*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. 2005. *Viagem ao Brasil II. A Expedição Philosophica pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. Coleção Etnográfica.* v. 1. Rio de Janeiro: Kapa Editorial.

HARTMANN, Thekla. 1988. «Evidência Interna em Cultura Material: O Caso das Cuias pintadas no Século XVIII.» *Revista do Museu Paulista* XXXIII: 291-302.

MARTINS, Renata Maria de Almeida. 2009. «Tintas da Terra, Tintas do Reino, Arquitetura e Arte nas Missões Jesuíticas do Grão-Pará (1653-1759).» Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

OJEDA, Pablo Marcelo Diener. 2011. «Imagens da Urbanização da América Portuguesa no legado da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira.». *Acervo* 24 (2): 43-58.

PORRO, António. 2011. «Uma crônica ignorada: Anselm Eckart e a Amazônia setecentista.» *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 6 (3): 575-592.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. 1985. *As Viagens do Ouvidor Sampaio (1774-1775)*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas.

SÃO JOSÉ, João de. 1868. *Memórias de Frei João de S. Joseph Queiroz Bispo do Grão-Pará com uma extensa introdução e notas illustrativas por Camillo Castelo-Branco*. Porto: Typographia da Livraria Nacional.

SÃO JOSÉ, João de. 1869. «Viagem e visita do sertão em o Bispado do Gram-Pará em 1762 e 1763.» *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* IX.

SILVA, Caetano Pais da. 1754. *Relaçam e notícia da gente que nesta segunda monção chegou ao sítio do Grão Pará e as terras de Mato Grosso, caminhos que fizerão por aquelas terras, com outras muito curiosas, e agradáveis de Rios, Fontes, fructos que naquela Paiz acharão. Copia Tudo de huma carta, que a esta cidade mandou Isidoro de Couto escripta por Caetano Paes da Silva.* Lisboa: Off. de Bernardo Anton. de Oliveira.